

Bahia

## “Cisterna de Umbuzeiro”: a busca pelo acesso à água para produção de alimentos



Quando uma família não se encaixa no critério para receber uma cisterna de produção, o que ela pode fazer? Esperar para ser contemplada pela política pública, a depender do contexto, pode levar muito tempo. Foi assim, que Maria e Francisco decidiram não esperar. Com determinação e coragem, o casal deu um passo que transformaria o rumo de suas vidas construindo a “cisterna de umbuzeiro”.

Maria Neves dos Santos, 57 anos, e o companheiro Francisco Morgado da Conceição, 59 anos, decidiram correr atrás e fazer a cisterna de consumo da família em mutirão. Mas, o principal personagem dessa história é o Umbuzeiro, que armazena água em suas raízes e é considerada árvore sagrada do sertão. Ele motivou o nome carinhoso dado pela família à tecnologia: “Cisterna de Umbuzeiro”.

O casal, que reside na comunidade Tradicional de Fundo de Pasto Caiçara, distrito de Abóbora, em Juazeiro-BA, consegue, com a história da construção desta cisterna de umbuzeiro, provocar reflexões e inspirações, trazendo outros olhares sobre o acesso à água de consumo e de produção; porque mais do que armazenar água, a cisterna de umbuzeiro se tornou um símbolo ainda maior de resiliência, persistência e coletividade.



Maria é agricultora familiar e liderança dentro e fora da comunidade. Atualmente, está ocupando a função de presidente da Associação de Produtores de Caiçara e Tanque, integra a Rede Mulher do Território Sertão do São Francisco e a Cooperativa Agropecuária Familiar de Massaroca e Região (COOFAMA). Além de fazer parte do Projeto de Empoderamento Econômico para as Trabalhadoras Rurais, ela também integra um grupo de certificação orgânica participativa do Núcleo Sertão do São Francisco (NSF); inclusive, possui o selo de conformidade orgânica da produção. Maria é, ainda, parte do quadro de associados/as do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpa). Assim como a companheira, Francisco é agricultor familiar, integrante da associação da comunidade e do grupo da certificação orgânica participativa do NSF.

Em sua propriedade, o casal tem um tanque que até então era a única forma de armazenamento e acesso à água disponível para uso doméstico, destinada para os cuidados da casa como lavar roupa, louça, entre outros. Com a notícia da chegada do Projeto Uma Terra e Duas Águas (P1+2) na comunidade, se acendeu uma esperança de acessar água para conseguir produzir frutas e hortaliças. Porém, por não terem acesso à cisterna de consumo, não se encaixavam no critério de participação do projeto. Ao saber da notícia, a agricultora relata que ficou apreensiva porque sabia que estaria de fora, no primeiro momento. “Eu senti aquele impacto, porque eu sabia que eu não tinha como receber, porque eu não tinha a primeira água.



Mesmo com essa notícia, Maria e Francisco buscaram possibilidades para garantir acesso à política pública. É daí surgiu a ideia de construir a chamada cisterna de umbuzeiro. Por estar no período da safra do umbu e ter bastante umbuzeiros produzindo na sua propriedade, o casal percebeu que poderia vender umbu para realizar esse sonho. “Eu confiava na natureza, vinha a safra do umbu e eu construí minha cisterna com dinheiro de umbu”, conta Maria.

O umbu não é somente um alimento, mas também significa oportunidade de geração de renda para as famílias. “Nós tiramos cinco, seis e até sete sacos de umbu no dia”, destaca Francisco.





O valor arrecadado através da venda dos frutos custeou todo o processo de construção da cisterna de consumo de 16 mil litros, desde a compra dos materiais até o pagamento do serviço dos pedreiros. A abertura do local da cisterna foi realizada pelo casal e o restante do processo foi em mutirão, com o apoio da filha, do genro de Maria e também de um amigo da família. Com essa “força-tarefa”, a cisterna ficou pronta em pouco tempo. Assim que terminou, Maria plantou várias palmas ao redor dela e dizia, na época: “Vou pegar essa palma, vou plantar todinha ao redor da minha cisterna; vai ficar toda ‘plantadinha’ aqui, porque eu construí com tudo que vem da natureza, e ela também já vai fazer parte da natureza”.



Após o mutirão, com a cisterna de primeira água construída, o casal passou a se encaixar nos critérios para participar do P1+2. Em dezembro de 2024, acessou a cisterna de produção e iniciou o plantio de hortaliças como: quiabo, coentro, alface, couve, cebola roxa, tomate cereja, abóbora; plantas medicinais como arruda, manjericão, erva cidreira, vick, alecrim do reino, sete dores e boldo; e também frutíferas: bananeira, mamão, laranja, tangerina, goiaba, abacate, maracugina, jaca, entre outras.

Para potencializar o fruto de tanto esforço, Maria e Francisco pretendem ampliar e diversificar os cultivos, seguindo os princípios da produção de alimentos saudáveis e orgânicos. “Pra mim, ave-Maria, foi uma conquista muito grande nós termos as duas cisternas [...] eu tenho cebola, alface, coentro, de tudo; melhorou muito a minha vida”, ressalta Francisco.

A partir da implementação dessas duas cisternas também foi possível a construção de um galinheiro e, consequentemente, o aumento da criação de aves. As sobras e descartes de hortaliças são utilizadas na alimentação das galinhas, ajudando na nutrição e impulsionando a postura de ovos. Outro resultado dessa iniciativa é a produção de esterco das aves, que são misturados com o esterco dos caprinos e destinados para adubação do solo, fazendo assim um rico ciclo produtivo dentro da propriedade.

A partir da implementação dessas duas cisternas também foi possível a construção de um galinheiro e, consequentemente, o aumento da criação de aves. As sobras e descartes de hortaliças são utilizadas na alimentação das galinhas, ajudando na nutrição e impulsionando a postura de ovos. Outro resultado dessa iniciativa é a produção de esterco das aves, que são misturados com o esterco dos caprinos e destinados para adubação do solo, fazendo assim um rico ciclo produtivo dentro da propriedade.



A história de Maria, Francisco e a “Cisterna de Umbuzeiro” ilustram uma trajetória inspiradora que reforça a necessidade da ampliação das políticas públicas de acesso à água, para que mais famílias sejam contempladas. Essa é a luta e reivindicações dos povos do Semiárido. Por outro lado, as famílias que têm condição de articular mutirões familiares ou comunitários também podem tomar iniciativas semelhantes; principalmente porque acelera os processos de chegada de mais tecnologias.

